

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO

CATALOGANDO IDEIAS

Volume 2



Organização

Ana Paula Fernandes da Silveira Mota
Catarina Carneiro Gonçalves
Viviane de Bona
Ana Beatriz Gomes Guerra
Caroline Evaristo Paraíso da Silva
Ellen Damonys Pereira da Silva
Jéssica Vitória da Conceição Justino
Kizzy Lages Batista da Silva
Maria Luiza Peixoto Barros
Viktória Guilherme Pereira Silveira
Vitória Cristina da Silva



Organização do Catalogando Ideias

Docentes da UFPE

Ana Paula Fernandes da Silveira Mota

Catarina Carneiro Gonçalves

Viviane De Bona

Estudantes da UFPE

Ana Beatriz Gomes Guerra - Pedagogia

Caroline Evaristo Paraíso da Silva - Pedagogia

Ellen Damonys Pereira da Silva - Pedagogia

Jéssica Vitória da Conceição Justino - Pedagogia

Kizzy Lages Batista da Silva – Pedagogia

Maria Luiza Peixoto Barros- Pedagogia

Victória Guilherme Pereira Silveira - Licenciatura em Letras/Português

Vitória Cristina da Silva - Pedagogia

Autores V.2

Ana Beatriz Gomes Guerra

Ana Paula Fernandes da Silveira Mota

Adilson dos Ramos

Carolina Carneiro Gonçalves

Catarina Carneiro Gonçalves

Cynthia Carneiro Gonçalves

Ellen Damonys Pereira da Silva

Everton Gomes

Joanna Soares

José Batista Neto

Katia de Bona

Leonardo de Bona dos Santos

Letícia de Bona dos Santos

Letícia de Sá

Lucas de Bona dos Santos

Maria Eduarda Barbosa da Silva

Maria da Conceição Silva Lima

Maria Lúcia Barbosa

Nisiael Kaufman

Raab Albuquerque

Roberta Tamires Evangelista da Silva

Rosinalda Aurora de Melo Teles

Viviane de Bona

CATALOGANDO IDEIAS

V. 2

Recife

Centro de Educação da UFPE

2020



© 2020 – Todos os direitos reservados ao Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco

Disponível também em: <https://ficadicadoce.wordpress.com>

e <https://attena.ufpe.br>

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Katia Maria Tavares da Silva, CRB4-1431

C357 Catalogando ideias [recurso eletrônico] / organização: Ana Paula Fernandes da Silveira Mota... [et al.]. – Recife : Centro de Educação da UFPE, 2020.

Conteúdo: v. 2. Quando eu era criança, parlendas, histórias dentro da história de uma professora, brincando com contos, culinária afetiva, e as brincadeiras com receitas e depoimentos.

A publicação é uma proposta dentro das Ações do Centro de Educação da UFPE, no cenário de isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19.

Disponível em: <https://ficadicadoce.wordpress.com/> e <https://attena.ufpe.br/>

ISBN 978-65-00-18712-0 (v. 2 : online)

ISBN 978-65-00-18716-8 (v. 2 : broch.)

1. Brinquedos educativos. 2. Educação de crianças. 3. Brincadeiras – Aspectos psicológicos. 4. Culinária – Aspectos psicológicos. I. Gonçalves, Catarina Carneiro. II. Bona, Viviane de. III. Título.

371.3079

CDD (22.ed.)

Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Direção do Centro de Educação

Ana Lúcia Felix dos Santos

Vice-Reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Vice

Tatiana Cristina dos Santos de Araújo

Capa e Ilustração: Victória Guilherme Pereira Silveira

Diagramação: Viviane de Bona

Revisão Textual: Mariana Andrade Gomes

Normalização: Katia Maria Tavares da Silva

Apoio: PROPG e PROEXC/UFPE

Centro de Educação – Avenida Acadêmico Hélio Ramos, S/N 50.670-901- Cidade Universitária – Recife- Pernambuco

SUMÁRIO

1 CATALOGANDO IDEIAS.....	4
1.1 APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO.....	4
2 CATALOGANDO NA QUARENTENA.....	7
2.1 RESGATANDO BRINCADEIRAS E CULTURAS DAS INFÂNCIAS.....	7
3 QUANDO EU ERA CRIANÇA.....	10
3.1 ALMOFADINHA.....	12
3.2 BRINCANDO DENTRO DE CASA: CABANINHA, PASSA ANEL, STOP	14
3.3 CABRA-CEGA.....	18
3.4 CAÇA AO TESOURO	20
3.5 MARTIM GRAVATA.....	21
3.6 O MESTRE MANDOU.....	22
3.7 PEGA-BALÃO E PETECA	23
3.8 VAI E VEM	25
4 PARLENDAS.....	26
4.1 A GALINHA DO VIZINHO.....	27
4.2 O SAPO NÃO LAVA O PÉ	28
4.3 DOCE DE BATATA DOCE.....	30
4.4 MACACO SIMÃO	30
4.5 LÁ EM CIMA DO PIANO.....	31
4.6 CASAMENTO DA VIÚVA.....	32
5 HISTÓRIAS DENTRO DA HISTÓRIA DE UMA PROFESSORA.....	33
5.1 A MENINA E A FIGUEIRA.....	36
6 BRINCANDO COM OS CONTOS.....	38



7 CULINÁRIA AFETIVA.....	39
7.1 BOLINHOS DA VOVÓ.....	40
7.2 CAFÉ CREMOSO.....	41
7.3 CANJICA DE MILHO.....	42
7.4 CARTOLA.....	43
7.5 MUNGUZÁ DO SR. ARTUR.....	44
7.6 PASTEL DE QUEIJO.....	45
7.7 PIZZA MALUCA.....	47
7.8 ROSBIFE DE DONA LINDALVA.....	48
7.9 SOPA DE FEIJÃO DA VOVÓ TEREZINHA.....	51
7.10 TORTA DE BANANA.....	52
7.11 TOUCINHO DO CÉU.....	54
8 E AS BRINCADEIRAS COM AS RECEITAS?	56
9 ALGUNS DEPOIMENTOS.....	57
REFERÊNCIAS.....	58



1 CATALOGANDO IDEIAS

1.1 Apresentação da Coleção

O **Catalogando Ideias** nasceu com a proposta de favorecer atividades brincantes para crianças e adultos em família durante este período de isolamento social. Através do desejo de possibilitar melhoria na qualidade interacional entre adultos(as) e crianças, compôs-se um grupo de docentes, técnicos(as) e estudantes dos Cursos de Licenciatura do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estes(as), de modo colaborativo, propuseram ideias para que diversas pessoas pudessem realizar novas experiências em suas casas, considerando, sempre, o caráter lúdico necessário à convivência.

A ideia central das propostas aqui presentes não buscou transformar pais e mães em professores(as) de seus(suas) filhos(as), agindo como se nada estivesse acontecendo. Contrariamente, construímos propostas de experiências de natureza lúdica, com objetivo de levar aos lares o direito das crianças de vivenciarem suas infâncias. Acreditamos que através desse movimento de valorização da ludicidade na infância ajudaremos na construção de um clima menos tenso, favorecendo a melhoria da qualidade da relação adulto-criança e, conseqüentemente, a saúde mental de todos(as).

Esperamos que as ideias catalogadas em todos os nossos volumes ajudem as famílias a levantarem novos voos, cuidando, sobretudo, do desenvolvimento global das crianças e do respeito à infância, compreendendo as dimensões físicas, cognitivas, afetivas, moral e relacional dos(as) pequenos e pequenas.

Por isso, no primeiro volume deste material abordamos propostas que exploravam as múltiplas dimensões que constituem as crianças, tais como: motora, cognitiva e afetiva, recorrendo às brincadeiras e suas potencialidades de desenvolvimento infantil e ao respeito à infância.



Neste segundo volume continuamos com a proposta de trazer experiências brincantes, considerando, agora, a dimensão da memória afetiva das experiências lúdicas que envolveram os(as) adultos(as), os(as) quais, hoje, estão cuidando das crianças e brincando com elas em seus lares durante o isolamento social.

Acreditamos que esta memória afetiva será um componente importante no resgate das crianças que fomos e, portanto, podemos voltar a ser para interagir com nossos(as) filhos e filhas.



2 CATALOGANDO NA QUARENTENA

2.1 Resgatando brincadeiras e culturas das infâncias



No Fundo do Quintal
Roseana Murray

*No fundo do quintal,
amarelinha,
esconde-esconde,
jogo do anel,
um amor e três segredos.*

*No fundo do quintal,
passarinhos,
tesouros,
piratas e navios,
as velas todas armadas.*

*No fundo do quintal,
casinha de boneca,
comidinha de folha seca,
eu era a mãe, você era o pai.*

Quando não existe quintal, como é que se faz?

(MURRAY, 1994)

Pesquisas (DE VRIES; ZAN, 1998; VINHA, 1999), destacam que os(as) adultos(as) são muito importantes na construção de um ambiente saudável para as crianças, porque são eles(as) que determinam a natureza do ambiente sociomoral no qual a criança pequena vive, através das interações diárias que constroem.

Compreendendo isso, construímos o segundo volume desta coleção, cujo objetivo central é fazer um resgate nas crianças de outrora – os(as) adultos(as) – para, a partir disso, favorecer um

encontro com as crianças de agora. A nossa ideia partiu da crença de que este resgate afetivo sobre como brincávamos e nos divertíamos pode favorecer o encontro afetivo com nossa infância, potencializando as nossas experiências brincantes na contemporaneidade com nossos(as) pequenos e pequenas. Quando não há crianças para nossos(as) filhos(as) brincarem, como é que a gente faz? A resposta é: resgatamos as crianças que fomos (e que ainda podemos ser) e brincamos juntos.

Ajudará, também, a pensar como podemos brincar em contextos tão adversos como este que vivemos marcado pelo isolamento social. Não há parques, não há praia, não há pátios nem praças. Muitas vezes não há quintal e quando não há quintal, como nos perguntou Roseana Murray (1994), como é que a gente faz? Quando estamos em casa, buscando nos proteger, longe dos(as) amigos(as) e parentes, como é que a gente faz?

No isolamento social, os(as) parceiros(as) no mundo do brincar das crianças ficaram, fisicamente, limitados(as) aos(as) familiares que constituem seu lar, contudo, isso não significa que o sentido das brincadeiras no cotidiano da vida infantil tenha perdido seu espaço. Pelo contrário, as experiências lúdicas na morada das crianças, independentemente do número de entes familiares e do espaço físico da residência, podem acontecer e devem ser garantidas na atual circunstância atípica. Tendo em vista que o desenvolvimento pleno das crianças acontece mediante a qualidade das experiências que elas vivenciam, nos lares também é possível oportunizar brincadeiras para que possam explorar seu potencial criativo, desenvolvam a afetividade, experimentem emoções diversas e deem sentido a elas, construindo significados para estabelecer relações saudáveis.

Neste Catalogando defendemos a ideia de que podemos começar fazendo o resgate de nossas memórias afetivas de infância, buscando energia e motivação para recriarmos as nossas brincadeiras construindo outras potencialidades junto aos(as) meninos e meninas. Ao se conectarem com as experiências das infâncias do passado, percebendo o valor afetivo presente no brincar dos(as) adultos(as) que guardam em si o sentimento de ser-criança, meninos e meninas têm a oportunidade de se situar no mundo, de construir sua identidade pessoal e social, de se apropriar dos traços regionais, como hábitos e características peculiares, de ressignificar manifestações populares,

reconhecendo os valores culturais pertencentes às tradições nas brincadeiras que passam de geração em geração, e, ampliando o repertório das vivências da cultura infantil.

Além das brincadeiras populares, faremos outros resgates brincantes, através de textos literários, receitas, parlendas que possam ajudar na construção de interações lúdicas na família. Destacamos que as Idade indicada nas brincadeiras são sugestões que podem ser avaliadas por cada família a partir da especificidade de quem vai brincar.

Desejamos uma prazerosa viagem nesse Catalogando, que partirá deste presente rumo ao nosso passado, para nos encontrarmos com quem poderemos ser no futuro.

As Organizadoras.



3 QUANDO EU ERA CRIANÇA...



Quando as crianças brincam
Fernando Pessoa

*“Quando as crianças brincam
E eu as oiço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar.
E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.
Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinto
Isto no coração.”*

(PESSOA, 2016)

Uma infância bem vivida é marcada por muitas brincadeiras. Como alude Fernando Pessoa, escutar o brincar das crianças alegria a alma e faz sentir o coração. E quando a gente é criança, escutar as histórias dos(as) nossos(as) pais/mães, avôs/avós, tios/tias, vizinhos/vizinhas ou de qualquer outro(a) adulto(a) falando das brincadeiras de sua infância, torna-se um evento histórico, em forma de passatempo muito divertido, ainda que a mesma história seja contada por repetidas vezes.

Fascina a criança reconhecer a criança que existe no(a) adulto(a). É um encontro mágico! As experiências positivas da infância do(a) adulto(a), e podemos destacar aqui as brincadeiras que fizeram parte de seu repertório infantil, são referenciais importantes para que a relação adulto-criança seja permeada por trocas significativas, pelo estabelecimento de um vínculo afetivo

privilegiado, permitindo à criança se constituir sob uma base emocional segura, além de permitir a construção e a valoração de sua identidade, bem como a ressignificação de uma cultura de pertencimento.

A exemplo de minha experiência, dentre as muitas histórias de infâncias do passado que eu ouvia, lembro-me que minha mãe contava que fazia bonecas com espigas de milho. No quintal enorme da casa da minha avó, onde minha mãe viveu sua infância e onde pude, também, desfrutar de bons momentos no mesmo espaço, tinha um milharal, e, sempre quando estava na época da colheita, eu pedia um milho, com casca e tudo, e imitava a narrativa de minha mãe: puxava palha por palha para compor o vestido esvoaçante da boneca, até chegar nos longos fios dourados de uma bela e vasta cabeleira. Experiências como essa só podem acontecer se oportunizarmos o cultivo das tradições populares na arte do brincar, que unindo contação de história, relações de afeto e identidades culturais, permite à criança atribuir um significado humano e intransferível sobre o patrimônio lúdico que lhe é transmitido.

Que tal aproveitarmos o isolamento social para passarmos às crianças nossa tradição lúdico-cultural? Do que você brincava quando era criança? Que tal contar para seu filho/sua filha e brincar com junto com ele(a)?

Nessa seção, reunimos docentes, técnicos(as) e estudantes do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco para compartilhar com você algumas brincadeiras de suas infâncias que podem ser revisitadas e adaptadas para serem vivenciadas dentro de casa, em família.

Profa. Ana Paula Mota



3.1 ALMOFADINHA

Por Ana Paula F. S. Mota, Professora do CE/UFPE



Os tempos transitavam entre a década de 80 e 90 do século XX. Minha infância era estampada na graminha verde do jardim de casa, com o “pé de canela” frondoso e perfumado, cheio de soldadinhos que em todo fim de tarde eram caçados. O pátio da escola, com uma mangueira histórica, – esplendorosa até hoje – também figura outro cenário de protagonismo de quando eu era criança. Ao redor dela, minhas amigas e eu nos reuníamos para as mais diversas brincadeiras... Houve uma época que a moda era a tal “almofadinha”, um conjunto de cinco saquinhos feitos com tecido e recheados de areia ou arroz. O horário do recreio era o mais esperado; assim que o sinal tocava, corríamos para garantir um lugar perto da mangueira e, assim, brincarmos de “almofadinha” em um lugar privilegiado e muito disputado. Lembro-me que, inicialmente, sempre brincava com as almofadinhas das amigas, não tinha as minhas. As almofadinhas, ou “cinco marias” como são conhecidas em outras regiões do país, são confeccionadas artesanalmente e, dificilmente, ao menos naquela época, víamos a venda desse brinquedo. Meu sonho era ter minhas próprias almofadinhas!

Minha mãe tinha uma máquina de costura; não era costureira profissional, mas criava roupas lindas para mim e minhas irmãs, fazia roupas para as minhas bonecas, colcha de retalhos e tudo o que sua imaginação podia oferecer. A máquina ficava em um quarto que tinha uma enorme mesa

amarela. Embaixo dessa mesa estava outro canto favorito de brincadeira: um universo de retalhos coloridos, de todos os tamanhos, e ali eu me fazia, no meio dos infinitos pedaços de pano. Foi desse infinito que surgiram as minhas almofadinhas! Ah... eram as mais belas de todas, de tecido branco com bolinhas vermelhas, com um toque de amor materno. A areia fina da praia as fazia ser bem fofinhas. Eu amava as almofadinhas feitas por minha mãe, ninguém na escola tinha um brinquedo tão especial quanto o que eu tinha e o melhor dessa brincadeira é que eu podia brincar com os amigos ou, em casa, sozinha. É muito simples fazer e brincar de “almofadinha”, veja abaixo o que é preciso:

Idade indicada: a partir de 5 anos.

Materiais necessários:

- retalhos de tecido;
- linha e agulha;
- tesoura;
- areia ou arroz.

Passos para confecção: corte o tecido em 5 quadrados, medindo cerca de 10 cm² cada um. Feito isso, dobre-o ao meio e costure, cuidadosamente, a lateral e o fundo, deixando uma abertura. Com o saquinho formado, preencha-o com areia ou arroz e feche a abertura, costurando-a. O tamanho indicado para a almofadinha finalizada é em torno de 3,5 cm².

Descrição da brincadeira¹: sentado(a) no chão, junte as cinco almofadinhas e jogue-as no solo. Escolha uma almofadinha e lance-a para o alto. Enquanto isso, outra almofadinha deve ser recolhida com a mesma mão, juntando com a que foi lançada. O mesmo deve ser feito até que todas as almofadinhas sejam recolhidas. Na rodada seguinte, as cinco almofadinhas são jogadas mais uma vez, porém, o(a) jogador(a) deverá recolher duas almofadinhas, além da que foi lançada para cima, sempre usando uma só mão. Outras variações podem ser criadas para tornar a brincadeira mais desafiadora e divertida. As almofadinhas podem ser substituídas por pedrinhas.

¹ Para ver uma demonstração da brincadeira consulte a indicação de Cinco Marias (2020).

3.2 BRINCANDO DENTRO DE CASA: CABANINHA, PASSA ANEL, *STOP*

Por Nisiael Kaufman, Técnica em Assuntos Educacionais do GE/UFPE

CABANINHA

Lembro desde muito cedo os meus pais criando possibilidades de montar várias cabaninhas, vários espaços com lençóis e cobertores, onde eu levava brinquedos, livros, jogos, bonecas e lanternas. Foram meus primeiros passos de criação das minhas próprias aventuras, desse mundo de faz de conta. E essas possibilidades criativas me acompanham ao longo desse processo formativo – desde o período em que eu fui professora da educação infantil até hoje como mãe.

Idade indicada: para todas as idades.

Materiais necessários:

- lençóis e cobertores;
- prendedores de roupa;
- cadeiras ou poltronas.

Descrição da brincadeira²:

Para brincar, basta juntar algumas cadeiras ou poltronas próximas umas às outras,

colocando os lençóis por cima delas e prendendo-os com os pegadores de roupa. Embaixo da cabana, é possível colocar cobertores e colchões. Também podem ser usados alguns outros objetos para formar a cabana, como cabos de vassoura, mesas, camas, e etc. Essa brincadeira é uma ótima oportunidade para estimular a criatividade, pois as crianças podem contar histórias, imaginar cenários e transformar o espaço como quiserem, só usando a imaginação.



² Para outras ideias dessa brincadeira consulte a indicação de Vasconcelos (2020).

PASSA ANEL

Uma brincadeira razoavelmente simples, mas que podemos propor em diferentes espaços, inclusive em casa. Acredito que é uma brincadeira muito interessante, lembro que era um momento em que a gente conseguia reunir várias pessoas e ali se criava a possibilidade da interação, de desenvolver o espírito coletivo e afetivo. É uma brincadeira que desafia! Lembro fortemente dessas lembranças, inclusive de uma vez que perdemos um anel de uma colega, a mãe dela ficou muito brava e isso me marcou.

Idade indicada: a partir de 5 anos.

Materiais necessários:

- um anel ou algum objeto para representá-lo: uma moeda, uma pedrinha.

Descrição da brincadeira³: os(as) participantes devem formar um círculo ou ficar lado a lado com as mãos fechadas em forma de concha e uma criança deve ser escolhida para passar o anel, se tornando “o(a) passador(a)”. A criança que estiver com o anel deve ir passando suas mãos, também fechadas, entre as mãos dos(as) outros(as) participantes e escolher alguém para deixar seu anel de forma discreta, sem que os(as) demais vejam. Para despistar o grupo, “o(a) passador(a)” pode passar novamente entre as mãos de todos(as) os(as) participantes e, em seguida, deve escolher

alguém que não recebeu para adivinhar com quem está o anel. Se a pessoa escolhida acertar com quem está o anel, será a vez dela de passar. Se errar, deve ser eliminada.



³ A leitura dessa brincadeira foi adaptada da proposta de Medina (2015).

STOP

Uma brincadeira em que tive várias oportunidades de brincar em casa, era nosso momento de socialização enquanto família. Lá, trabalhávamos várias habilidades que o jogo nos proporciona. Eu já estava maior, mas lembro que era uma das minhas brincadeiras favoritas e que podemos brincar em casa nesse período que estamos vivenciando. Esse jogo pode desenvolver a agilidade, o raciocínio, a própria criatividade e autonomia. Foi a partir de brincadeiras como essas que eu fui entendendo esse respeito às regras nessa convivência social, cultural e por isso a considero muito importante. Além disso, ela possibilita também que a gente trabalhe conhecimentos gerais e específicos.

Idade indicada: a partir de 7 anos.

Materiais necessários:

- papel;
- canetas ou lápis.

Descrição da brincadeira⁴: cada jogador(a) recebe uma folha de papel e um lápis ou caneta. Em cada folha deve conter colunas com alguns títulos como, por exemplo: “Nome”, “Cor”, “Lugar” e etc. Fica livre para o grupo decidir as categorias.



⁴ Para outras possibilidades dessa brincadeira consulte Nunes (2020).

Os(as) participantes se preparam para mostrar uma quantidade de dedos ao mesmo tempo. Ao mostrarem os dedos, conta-se recitando o alfabeto no qual cada dedo se refere a uma letra. Assim, os(as) jogadores(as) devem preencher as categorias correspondentes às colunas com palavras que iniciem com a letra que foi determinada. Quem preencher primeiro todas as categorias com as palavras corretas deve gritar “STOP”, após esse sinal não é permitido que os(as) outros(as) participantes(as) escrevam mais algumas palavras. Para contabilizar os pontos, todos(as) devem dizer em voz alta a palavra que foi escrita em cada categoria e colocar a pontuação ao lado da palavra.



STOP						
LETRA	NOME	COR	OBJETO	COMIDA	ANIMAL	PONTOS
A	ANA	AZUL	ANEL	AMORA	ARARA	35
M	MARIA	MARROM	MARTELO	MASSA	MACACO	40
C	CAROL					

Pontuação:

- se errou a inicial da palavra ou deixou em branco, não ganha pontos.
- se a palavra de um(a) jogador(a) for igual a de um(a) ou mais participantes, vale 5 pontos.
- se colocou uma palavra correta e não é igual a de nenhum(a) outro(a) jogador(a), vale 10 pontos.

O jogo acaba após 10 rodadas. Os(as) participantes devem somar os pontos e o(a) vencedor(a) será o(a) jogador(a) que tiver a maior pontuação.

3.3 CABRA-CEGA

Por Catarina Carneiro Gonçalves, Professora do CE/UFPE

Cabra-Cega

*O jogo vai começar...
Faixa amarrada nos olhos,
Cabra-cega quer pegar.*

*No jogo de troca-troca,
A faixa tem que passar,
Todos correm, todos gritam
Pra cabra-cega enganar.*

*Os corações se agitam,
Com seus ritmos marcados,
Tocam na cabra-cega,
Mas não querem ser tocados.*

*E lá vem a cabra-cega,
Precisa se orientar.
Pra se livrar da cegueira,
Vai tateando no ar.*

*Você vai querer brincar?
Amarre a faixa nos olhos,
Cabra-cega quer pegar.*

(LEITÃO; DUARTE, 2009).

Quando leio este poema da Mércia Leitão e Neide Duarte viajo no tempo e rememoro a criança que fui, no meio de muitas outras crianças, berrando, cantando e correndo. Lembro de minha infância, de meus amigos e amigas e de tudo que brincávamos juntos(as). Lembro, principalmente, das festinhas de aniversário, cuja recreação era por nossa própria conta. Quem poderia imaginar que no futuro haveria adultos(as) animando as crianças nos eventos infantis?

Não havia muito requinte nas comemorações infantis. Apenas um bolo, refrigerante e as crianças responsáveis por divertirem a si mesmas. A única regra das festas infantis que eu frequentava, todas realizadas nas casas dos(as) aniversariantes, era que um quarto ficasse disponível para brincadeira de cabra-cega.

Luz apagada, faixa nos olhos de um(a) de nós, 10 a 15 meninos e meninas correndo e gritando dentro de um pequeno quarto. Difícil não era pegar alguém... difícil mesmo era não ter um esbarrão, um choque de cabeça com cabeça ou alguém chorando. Nada que durasse muito tempo ou tivesse desfecho trágico. Poucos segundos depois, a animação superava os pequenos joelhos ralados e todo mundo corria para cabra-cega pegar. Abaixo eu descrevo melhor esta brincadeira caso queiram fazer em casa.

Idade indicada: a partir de 4 anos.

Materiais necessários: uma faixa para vendar os olhos (por isso a cabra é cega).

Descrição da Brincadeira: para esta brincadeira acontecer será necessária a participação de, pelo menos, três crianças. Através de sorteio, uma criança é escolhida para cabra-cega. Ela deverá ter os olhos vendados pela faixa, com cuidado, para que não consiga enxergar nada. Os(as)

outros(as) participantes rodam, levemente, a cabra-cega e correm para distante dela, buscando não serem pegos(as). O objetivo da brincadeira é que a cabra-cega, usando apenas os sons que os(as) outros(as) participantes fazem, consiga pegar outro(a) que será a próxima cabra-cega (enquanto a cabra-cega procura as outras crianças ficam falando: Béééé!).

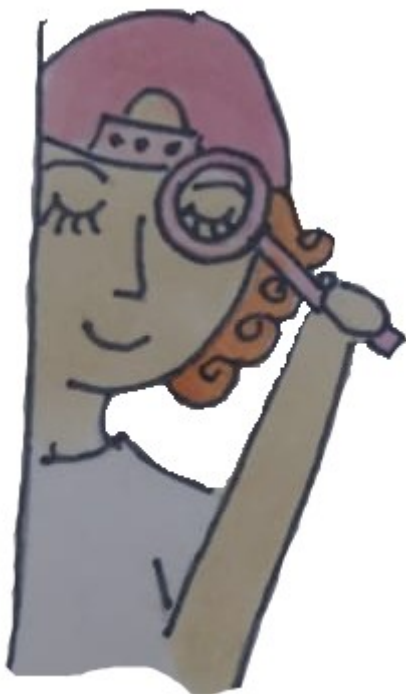
Dicas: 1- é importante que o lugar escolhido para brincadeira não seja grande, garantindo que a cabra-cega conseguirá pegar alguém.

2- Também é importante que o local não seja perigoso, a fim de que não tenha grandes riscos. Evitar vidros, espelhos e objetos pontiagudos.



3.4 CAÇA AO TESOURO

Por Everton Gomes, Coordenador de Infraestrutura do CE/UFPE



Eu vivi a minha infância no sertão de Pernambuco, na cidade de Petrolina. Foi uma fase muito positiva, ainda que meus pais enfrentassem dificuldades financeiras. Devido a essas dificuldades, muitas vezes, não tive acesso a alguns brinquedos que gostaria. Essa não era uma realidade distante de outras crianças do meu bairro. Diante disso, criatividade e imaginação eram essenciais; um pedaço de pau virava uma espada, entre outras coisas. Nesse processo, a convivência com outras crianças foi essencial tanto para socialização quanto para o desenvolvimento lúdico. A rua era o ponto de encontro da criançada. Hoje, os tempos são outros. A rua já não é um ponto de

encontro das crianças, sobretudo, as de classe média que ficam restritas às áreas de lazer dos seus condomínios. A experiência mais próxima de um isolamento social que vivi quando era criança, remete à quando meus pais não permitiam que eu fosse para rua por ter feito alguma trela. Eu não podia sair de casa e brincar com outras crianças. Nessa condição, brincar em casa era necessário para enfrentar esse “isolamento social”. Em casa, recordo-me de uma brincadeira muito legal chamada “caça ao tesouro”. Ela consistia em esconder algum objeto ou guloseima (doces, chocolates), dentro de casa, para que fosse procurado. Aquele(a) que achasse se consagraria “vencedor(a)”, mas o objetivo era se divertir. Para incrementar a brincadeira, algumas pistas em locais estratégicos podem ser colocadas, tornando a caça mais misteriosa e estimulante.

3.5 MARTIM GRAVATA

Por Adilson dos Ramos, Coordenador da Biblioteca do CE/UFPE

Eu brincava muito de Martim Gravata. Sempre fui muito disperso quando criança, principalmente na escola, mas, depois dessa brincadeira, minha atenção foi melhorando gradativamente. Os resultados eram percebidos tanto nas notas, quanto nos diálogos em sala de aula. Sabia que eu ainda brinco na família? Adoro!

São seis personagens: Martim, o mestre e quatro pessoas representando o número de uma casa, ou seja, casa 1 até casa 4. A brincadeira começa com o seguinte diálogo:

O mestre diz: “Martim Gravata!”

Martim: “Senhor, meu mestre!”

Mestre: Houve um roubo.

Martim: Onde?

Mestre: Na casa 1

Casa 1: Mentas tu!

Mestre: Onde estavas tu?

Casa 1: Na casa 2

[...]

A resposta da “casa” fica a critério do(a) personagem, podendo dizer que estava na casa do Martim, na do Mestre ou em qualquer outra das casas. Se alguém demorar a responder ou responder errado (em uma casa que já tenha saído), entende-se que está mentindo ou não quer responder, então, a casa é suspeita. Assim, paga-se uma prenda. A ideia é a cada abordagem do Mestre aumentar o ritmo da narrativa para despertar a atenção dos(as) participantes.



3.6 O MESTRE MANDOU

Por Ellen Damonys Pereira da Silva, Estudante de Pedagogia/UFPE

Lembro-me perfeitamente dos fins das tardes frias no interior, com todas aquelas crianças da rua subindo e descendo as ladeiras de onde morávamos. Sempre nos reuníamos na frente da casa da minha bisavó, matriarca da família. Ela tinha uma cadeira que nunca saía da calçada, onde passava o dia sentada “olhando a rua”. Fim de tarde, quando ela ia se arrumar para ir à missa, era nosso momento de sentar naquela cadeira tão disputada.

Uma das nossas brincadeiras preferidas era O mestre Mandou (ou O Rei Mandou, como uns(umas) gostavam de falar por estarem sentados(as) “no trono”).

Idade indicada: a partir dos 3 anos.

Descrição da brincadeira⁵: o mestre deve ficar à frente dos(as) participantes e demandar ordens como, por exemplo:

- o mestre mandou buscar um copo azul pulando em um pé só;
- o mestre mandou ir até a porta de casa e voltar correndo;
- o mestre mandou dar um abraço numa almofada.



Quem não cumprir todas as ordens é desclassificado(a), o(a) último(a) participante que sobrar poderá ser o(a) novo(a) mestre (ou podem decidir uma ordem). Lembrando que, a ordem do mestre só valerá quando suceder a frase “**O mestre mandou...**”. É uma brincadeira capaz de explorar a criatividade de todos(as) e que pode proporcionar diversas gargalhadas.

⁵ A leitura apresentada da brincadeira foi adaptada da proposta registrada no site Delas (O MESTRE..., 2020).

3.7 PEGA-BALÃO E PETECA

Por Letícia de Sá, Estudante de Pedagogia/UFPE

No tempo da minha infância eu tinha o costume de brincar de diversas coisas no quintal de casa, estando sozinha ou não. Quando estava junto com um primo de idade próxima, no quintal ou terraço de casa, costumávamos brincar de pega-balão ou de peteca, que no tempo, costumava ser bastante improvisada, mas que já era suficiente para trazer alegria no nosso tempo de brincadeira.

As duas brincadeiras são bem comuns, mas que fizeram parte da minha infância, sendo assim uma boa lembrança a ser compartilhada. As duas podem ser jogadas por mais de duas pessoas e mesmo em um espaço pequeno como a varanda ou o quintal de casa.

PEGA-BALÃO

Idade indicada: a partir dos 4 anos.

Materiais necessários:

- balões.

Descrição da brincadeira: enchíamos um balão, aqueles comuns de festa, e dividíamos o espaço onde estávamos. A partir daí nós jogávamos de um(a) para o(a) outro(a) e perdia pontos quem deixasse o balão cair no chão. Lembro de ser algo muito simples, mas sempre que tinha alguma festa ou quando sobrava alguns balões a brincadeira era certa.



PETECA

Já a peteca, costumávamos construir, às vezes com a ajuda de alguém mais velho(a), com um determinado tipo de sacola plástica e mais alguns papéis de revista velha ou jornal.



Idade indicada: a partir dos 4 anos.

Descrição da brincadeira: De forma parecida com a do pega-balão, joga-se a peteca entre os participantes da brincadeira, e quem deixar cair perde pontos.



Materiais necessários:

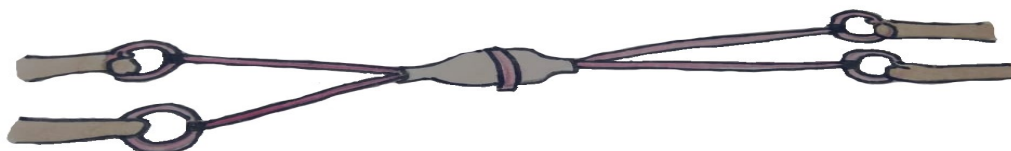
- tecido do tipo TNT (ou sacola plástica/ jornal);
- papéis de jornal ou revista;
- barbante (opcional).

Modo de fazer:

- cortar o tecido no formato de um quadrado (sugestão de tamanho: 30cm x 30cm);
- separar alguns papéis e amassar em formato de bola;
- colocar os papéis no centro do tecido cortado até preencher uma certa quantidade, depois disso, juntar o TNT até que forme um tipo de “trouxa” com os papéis;
- na hora de fechar a trouxa com o tecido, pode-se usar um barbante para amarrar ou um pedaço do próprio tecido TNT que sobrou.

Dessa forma, teremos um ótimo brinquedo feito em casa e parar brincar também em casa com os(as) nossos(as) familiares. Espero que gostem.





3.8 VAI E VEM

Por Ana Beatriz Gomes Guerra, Estudante de Pedagogia/UFPE

Muitas são as brincadeiras e os brinquedos que remetem ao meu período de infância, mas resolvi escolher um bastante especial. O **Vai e Vem** é um brinquedo simples, mas que pode ser bastante divertido, principalmente se a pessoa que jogar também gostar dessa brincadeira. Já tive **Vai e Vem** pequeno, grande, comprado, feito em casa... Jogado com amigos(as), primos(as), mãe, sobrinha... em casa, na rua, na calçada. Lembro de sempre ficar com um friozinho na barriga em saber se conseguiria fazer a bola chegar do outro lado do fio.

Para montar um Vai e Vem é preciso:

- duas garrafas pets (ou de algum outro material, também arredondado);
- fita adesiva;
- barbante ou corda de varal;
- quatro argolas;
- tesoura;
- material para enfeitar (fita colorida, lantejoulas, adesivos, etc.).

Para confeccionar, tire as tampas das garrafas e corte 1/3 delas, a partir do fundo. Utilize o que sobrou para formar o **Vai e Vem** juntando os lados que foram cortados e prendendo-os com fita adesiva. Separe dois fios de barbante do mesmo tamanho, podendo variar de acordo com o tamanho da criança (pois quanto maior, mais precisará abrir os braços) e passe-os por dentro dos buracos do **Vai e Vem**. Por fim, amarre com firmeza uma argola na ponta de cada fio. Agora seu brinquedo está pronto! Para se divertir é preciso de alguém para compartilhar esse momento. Cada pessoa deverá segurar uma argola em cada mão, fazendo o movimento de abrir e fechar os braços, deixando que o **Vai e Vem** deslize e chegue ao outro lado do fio de maneira ágil.

4 PARLENDAS

As Parlend⁶ são versinhos com temáticas infantis, muito utilizadas em brincadeiras. São textos curtos e com rimas fáceis, o que faz com que se tornem facilmente memorizados e popularizados entre as crianças, permitindo que se brinque com o corpo, com a voz, com os sons e com as palavras.

Quem já foi embalado por “menininha quando dorme, põe a mão no coração” sabe que estas lembranças ficam vivas por muitos e muitos anos, passando de geração em geração. Isso porque estes pequenos textos fazem parte de nossas vidas, desde a hora que acordamos para “correr atrás da cutia” até a hora que vamos “dormir com a mão no coração”.

Por isso, nesta seção, traremos parlend⁶ e brincadeiras que podem ser recriadas a partir destes textos. Boa diversão.

⁶ As parlend⁶ apresentadas são citadas por Prieto (2005).

4.1 A GALINHA DO VIZINHO

A galinha do vizinho

Bota ovo amarelinho

Bota um, bota dois, bota três

Bota quatro, bota cinco, bota seis

Bota sete, bota oito, bota nove

Bota dez!

(PRIETO, 2005)



Proposta de Brincadeira: Esconde-Esconde dos Ovos⁷.

Idade indicada: a partir de 1 ano.

Materiais necessários:

- tinta;
- Pincel;
- papel de revista;
- meia velha;
- argila;
- gesso ou outro material disponível em casa que sirva para produzir ovos.

Descrição da brincadeira: chame as crianças que tiver em casa para confeccionar ovos.

Para isso, podem usar qualquer tipo de material disponível: papel de revista, meia velha, argila, gesso, papel crepom ou qualquer coisa que sirva para amassar, modelar.... Depois de produzir os ovos, pintem juntos da forma e cor que quiserem.

⁷ Brincadeira adaptada da proposta de Tortora (2020).

No momento da produção, sugerimos que a parlenda seja recitada várias vezes. Essa parlenda permite a criança brincar com os sons, ainda que não tenha sido apropriada por ela a relação com a contagem numérica. Após a conclusão da preparação, convide-a a esconder os ovos pela casa, para que você procure. Quando achar todos os ovos, podem trocar a posição: agora você esconde e a criança procura.

4.2 O SAPO NÃO LAVA O PÉ



O sapo não lava o pé
 Não lava porque não quer
 Ele mora lá na lagoa
 Não lava o pé
 Porque não quer
 Mas que chulé
 (PRIETO, 2005)

Proposta de Brincadeira: Rima e combina⁸

Idade indicada: a partir de 4 anos.

Materiais Necessários:

- a parlenda do sapo decorada.

Outra possibilidade de brincadeira com parlendas pode ser feita através dos sons e sentidos das palavras. Para isso, sugerimos que usem a parlenda do sapo e brinquem, a partir dela, de **rima e combina**.

⁸ Esta brincadeira foi resgatada das memórias afetivas da autora Catarina Carneiro Gonçalves (GONÇALVES, 2020).

Quando rimamos brincamos com os sons da palavra e, quando combinamos, brincamos com seus sentidos. Reconhecendo que esta brincadeira pode ser feita em qualquer espaço, sugerimos que chamem as crianças para brincar, ampliando as percepções infantis sobre significados e sons. Esta brincadeira é organizada da seguinte forma:

- 1- para esta brincadeira o ideal é a presença de, ao menos, 1 criança e 1 adulto(a);
- 2- uma pessoa participante escolhe entre as opções: **rima** ou **combina**;
- 3- caso a pessoa escolha a palavra **rima**, outro(a) participante deverá escolher uma palavra da parlenda, para que todas as demais pessoas do grupo, incluindo a que escolheu rimar, falem alguma outra palavra (do texto ou não), que rime com a sugerida. Ex.: foi escolhido **rima** e falaram a palavra lagoa. As demais pessoas do grupo podem dizer: boa, à toa, pessoa, canoa...;
- 4- caso a pessoa escolha a palavra **combina**, um(a) outro(a) participante deverá escolher uma palavra da parlenda para que todas as demais pessoas, incluindo a que escolheu combina, falem alguma outra palavra (do texto ou não), que se relacione, semanticamente, à palavra escolhida. Ex.: foi escolhido **combina** e falaram a palavra lagoa. As demais pessoas do grupo podem dizer: banho, água, sapo, alegria...

Concordando com o poeta José Paulo Paes (1991) quando nos diz que brincar com poesia é brincar com palavras, como quem brinca com bola, papagaio e pião, sugerimos que façam rimas ou combinações usando outras parlendas. Abaixo indicamos textos que podem contribuir para diversificar esta brincadeira.

4.3 DOCE DE BATATA DOCE

Um dia, o doce perguntou ao doce

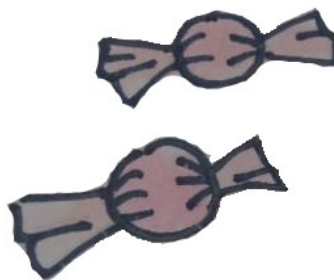
Qual era o doce mais doce.

E o doce respondeu ao doce

Que o doce mais doce

É o doce de batata-doce

(PRIETO, 2005)



4.4 MACACO SIMÃO



Rei

Capitão

Soldado

Ladrão

Menino

Menina

Macaco Simão

(PRIETO, 2005)

Nem sempre as parlendas tratam de animais. Há umas, inclusive, que num primeiro momento podem ser bem assustadoras.

4.5 LÁ EM CIMA DO PIANO⁹



Lá em cima do piano

Tem um copo de veneno.

Quem bebeu

Morreu

(PRIETO, 2005)

Esta brincadeira do piano, muito conhecida, pode ser feita a partir de 02 pessoas e não precisa de espaço amplo para sua realização. O jeito de brincar é simples: todos(as) os(as) participantes ficam lado a lado ou em círculo. Eles(as) cantam a parlenda enquanto batem um na mão do(a) outro(as). Cada sílaba da música equivale a uma batida de mão. Será escolhido(a) (ou eliminado(a)) quem ficar com a última sílaba. Outra possibilidade de brincadeiras com as parlendas é o trabalho com ritmo e movimentos. Para esta proposta é possível fazer uso de parlendas silabadas, favorecendo que as crianças pulem ao som de cada sílaba.

⁹ Brincadeira apresentada pelo Mapa do Brincar da Folhinha, Suplemento infantil do jornal Folha de São Paulo (EM CIMA..., 2020).

4.6 CASAMENTO DA VIÚVA



Sol e chuva,
Casamento de viúva.
Chuva e sol,
Casamento de espanhol.

(PRIETO, 2005)

Proposta de brincadeira: Ouve e pula¹⁰

Idade indicada: para todas as idades.

Materiais Necessários: a parlenda Casamento da Viúva.

Para esta brincadeira basta decorar uma parlenda e cantá-la usando partes do corpo para produção de ritmos. A cada sílaba uma palma; a cada sílaba uma batida de pés; a cada sílaba um pulo... É possível usar a criatividade, criar e inventar.

¹⁰ Esta brincadeira foi resgatada das memórias afetivas da autora Catarina Carneiro Gonçalves (GONÇALVES, 2020).

5 HISTÓRIAS DENTRO DA HISTÓRIA DE UMA PROFESSORA

Por Maria Lúcia Barbosa, Professora do CE/UFPE.



Durante a minha infância escutei muitas histórias contadas por adultos(as) como minha mãe, minhas avós, meus amiguinhos e amiguinhas. Na escola, a contação era uma prática frequente, em geral, realizada pelas professoras. Porém, algumas experiências tiveram uma dimensão mais significativa em minha vida, do ponto de vista afetivo.

Na minha família, ouvíamos histórias em momentos nos quais as pessoas adultas haviam concluído afazeres domésticos. Ao longo do dia, elas estavam muito ocupadas em cozinhar, limpar casa, costurar, passar roupa, cuidar das crianças pequenas, ir à feira livre, padaria, açougue, mercearia para fazer compras. Quando nos recolhíamos para dormir nos embalavam com a magia de histórias. Adormecíamos, assim, na torre de Rapunzel, no castelo de Branca de Neve, na casa pequenina dos Sete Anões, na floresta com Chapeuzinho Vermelho, no baile com Cinderela. Histórias como estas eram as mais ouvidas e não nos cansávamos de apreciá-las.

Minha avó materna foi a minha grande contadora de história. Parecia nunca se cansar de repetir os mesmos contos de fada e, ao concluí-los, emendava com o anúncio do próximo: “E entrou por uma perna de pato, saiu por uma perna de pinto, Senhor El Rei mandou que contasse mais cinco”. Assim a contação de uma história era emendada com outra até que adormecêssemos quietinhos e quietinhas.

Dessa dimensão afetiva de eventos narrativos brotaram algumas reminiscências indeléveis, que foram importantes para desenvolver em mim o gosto por ler e escrever. Às vezes, revisito antigas memórias para evocar a magia das experiências de audição de contos de fada. Essa viagem ao túnel

do tempo é traduzida em um poema que dediquei à memória da minha avó materna. Ela embalava o meu sono sempre com histórias e cantigas de ninar. Eis um trecho do que escrevi sobre esta memória.

Fecho os olhos,
ouço-a contar
histórias de Trancoso.

“E entro por uma perna de pato
saio por uma perna de pinto.”

Escuto mais cinco
e durmo quietinha.

(BARBOSA, 2020)



Outros momentos de contação de histórias foram vivenciados com meus amiguinhos e amiguinhas. Em geral, à noite enquanto brincávamos nas calçadas da rua em que eu morava. Era uma cidade pequena, de interior. Enquanto os(as) adultos(as) conversavam, tomavam cafezinho, compartilhavam bolos, doces, sucos, nós ficávamos à vontade para brincar. Éramos exímios(as) ouvintes/contadores(as) de histórias. O tempo nos parecia muito curto para tantas brincadeiras. Mas tínhamos de nos recolher, pois fazia parte do combinado com os(as) adultos(as) dormir e acordar cedo para irmos para a escola.

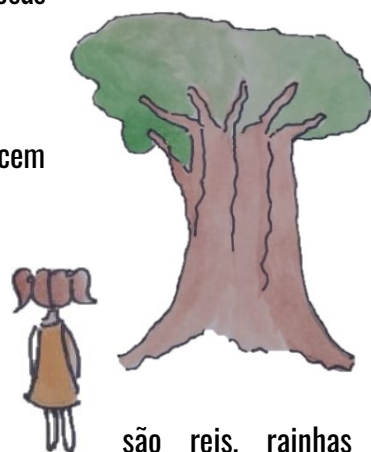


Vale ressaltar que na época da minha infância o único meio de comunicação a que tínhamos acesso era o rádio. Assim, a oralidade era a modalidade de língua que nos propiciava imaginar e viajar no mundo maravilhoso das histórias infantis. Tínhamos também acesso, em casa, a uma vitrola que nos propiciava momentos em que escutávamos histórias

já conhecidas, gravadas em um disco de cera. Era muito mágico acompanhar o disco dando voltas naquele aparelho eletrônico, enquanto ouvíamos as vozes das personagens das histórias.

Outras experiências justificam o encantamento que tenho por histórias orais que são passadas pelos(as) mais velhos(as) às novas gerações. Lembro-me de que adorava escutar um senhor, deficiente visual, contar histórias fantásticas, em baixo de um pé de jaca, no sítio da minha avó paterna. Tratava-se de um homem simples, do campo, que possivelmente não frequentou a escola. Contava histórias com tanta maestria que nos deixava a todos e todas que o ouvíamos com o queixo tremendo, tamanho era o clima de suspense despertado em nós. Todos os dias enquanto duravam nossas férias escolares naquele sítio, ficávamos ansiosos e ansiosas por uma nova roda de contação com aquele exímio contador.

Tantas histórias ouvidas! Mas há aquelas que permanecem em nossa memória de forma mais vívida. Ouvi diversas vezes o conto de fadas “A menina e a figueira”. Confesso que esta história me marcou pelo seu teor de tristeza. Como grande parte das narrativas do gênero história infantil, as personagens



são reis, rainhas que compõem uma família com filhos e filhas. Vivem em castelos suntuosos uma vida feliz até que um dia algum acontecimento triste que culmina com a morte, em geral, da mãe, muda toda a estrutura familiar quando o pai se casa com outra mulher. A partir de então a vida da criança órfã vira de ponta-cabeça quando logo ela passa a ser vítima de maus tratos da madrasta que a submete a sofrimentos e humilhações.

“A menina e a figueira” é um clássico deste tipo de trama. A personagem era obrigada a vigiar figueiras para que os pássaros não comessem seus frutos. O pai não percebia a maldade da madrasta que agia de forma dissimulada. Certo dia, a menina dormiu enquanto os passarinhos devoravam os figos. A madrasta furiosa a puniu com crueldade enterrando-a viva. Obviamente, esta é uma história muito forte para crianças de todas as gerações, mas é uma característica das histórias

infantis explorar situações que envolvem o(a) ouvinte/leitor(a) em conflitos narrativos tensos, os quais nos pareciam intermináveis e despertavam certa ansiedade. Por outro lado, há também nestas histórias momentos em que surge a solução de conflitos e culminância com um “final feliz”. Sendo assim, se nos causavam tristeza as maldades das personagens más, logo nos confortavam aqueles e aquelas que representavam referências de amor, cuidado e segurança. Que alívio! Penso que é este estado de conflito e de solução destes conflitos que nos mantinham sempre na expectativa da próxima contação.

Há histórias que vêm acompanhadas de uma canção. Algumas alegres, engraçadas, já outras tristes como a que cantava a personagem principal de “A menina e a figueira”.

Contem/escutem muitas histórias buscando sentir todos os sentimentos possíveis de brotar em uma experiência singular de audição/leitura. Preparem-se para contar/ouvir cada história que poderá ser escolhida no vasto repertório da tradição oral, bem como em outros meios como o escrito e audiovisual. Lembrem-se que histórias antigas foram recontadas por escritores(as) atuais e vale serem lidas/ouvidas. Compartilhem experiências vivenciadas no mundo das histórias infantis. E não se esqueçam de cantar as canções presentes em algumas histórias. Conte, escute e cante. Encante-se e encante. A seguir você encontrará a história A menina e a Figueira para uma leitura deleite.

5.1 A menina e a figueira¹¹

Era uma vez, um senhor viúvo, que tinha uma filha muito bonita, com os cabelos longos e da cor do ouro. Sua mãe em vida, penteava e cuidava dos seus cabelos como se realmente fossem fios de ouro.

Na vizinhança morava uma moça que queria se casar com o pai da menina e, por isso, fazia-lhe tantos agrados, que ela chegou ao pai e lhe disse:

¹¹ KIKUTI (2020).

- Meu pai, por que você não se casa com a vizinha? Ela é tão boa para mim! Todos os dias quando vou a sua casa, ela me dá pão com mel.

- Minha filha, quando ela se casar comigo, lhe dará pão com fel.

Mas a menina não acreditava, e tais agrados a moça lhe fez que o pai acabou se casando com ela.

Depois do casamento, a madrasta começou a maltratar a menina, castigando-a pela falta mais insignificante.

O marido tinha no jardim uma enorme figueira, e a pequena era obrigada a vigiá-la o dia todo, para que os passarinhos - seus amigos - não comessem os figos e quando isto acontecia, a madrasta batia-lhe sem piedade.

Aconteceu, um dia, que os pássaros comeram os figos, e tendo viajado o marido, a madrasta

enterrou a menina num capinzal que havia no jardim. No dia seguinte, o marido chegou e procurou a filha; a madrasta disse-lhe que havia desaparecido.

Mais tarde, o jardineiro foi cortar capim para dar ao cavalo e ao passar a foice no capim, ouviu este canto triste e se pôs a escutar:

Jardineiro de meu pai

Não me corte os meus cabelos,

Minha mãe me penteou, minha madrasta me enterrou,

Pelos figos da figueira que o passarinho bicou.

Xô passarinho, xô passarinho, da figueira de meu pai.

Então o jardineiro foi contar ao patrão o que acabara de ouvir. Este foi ao capinzal, mandou o jardineiro passar a foice no capim, e novamente ouviram o canto.

Reconhecendo a voz da filha, mandou o jardineiro cavar a terra e, encontrando a menina ainda com vida, levou-a para casa. Botou a mulher para fora e não quis mais saber dela ficando só com a filha.



6 BRINCANDO COM OS CONTOS

O faz de conta, ou jogos simbólicos, como queiramos chamar, são importantes momentos nos quais as crianças podem elaborar o mundo, acomodando-o. Isso porque, ao darem vida aos(as) personagens, via dramatização, elas expressam suas percepções sobre as experiências vividas, permitindo um encontro com seus próprios sentimentos e, ainda, evidenciando-os aos(as) adultos(as) que interagem com ela.

Algumas propostas podem ser vivenciadas:

- 1- leitura do conto;
- 2- recontagem do conto;
- 3- dramatização do conto;
- 4- produção de cenário para dramatização do conto;
- 5- produção de figurino de papel para dramatização do conto;
- 6- produção de fantoches ou dedoches para contagem e recontagem do conto;
- 7- produção de convite para chamar a família para uma sessão virtual do conto (não podemos esquecer, neste momento, cada um(a) em sua casa);



7 CULINÁRIA AFETIVA



Infância tem gostinho de rabanada, de bolinho de chuva da vovó, de pão doce no final da tarde, de bolacha com goiabada, de chocolate quente ou leite puro. Infância tem o gostinho de coisa boa, de queijo quente, de mãe deixando a gente raspar a panela do bolo, de irmão querendo dividir o primeiro pedaço antes mesmo de ficar pronto.

Infância tem cheiro de carne assada, de cuscuz no fogo, de canela, de hortelã. Infância tem cheiro de comida boa, de bolo assando, de milho cozinhando, de amendoim torrado, de laranja no pé e de guerra de manga. Como não sentir o cheiro da criança lambuzada de bananada, e do sabão limpando a boca?

Infância tem som de **OBA!** Tem som de pipoca estourando na panela e de vendedor de pirulito gritando, do rapaz do raspa-raspa cantando ou do 'picolé' passando na rua. O som da infância é o da gargalhada que surge toda vez que a criança pode provar a doçura do brigadeiro da tia.

O que aprendemos quando ainda somos crianças é que a comida nos toca e enche de afetos. Sim, ela tem cheiro, tem sabor, tem cor porque está permeada de sentidos. Para além dos sentidos do corpo, o alimento pode causar reações que acessem nossas emoções, afetos e memórias.

Por tal razão, esta seção do Catalogando Ideias trará receitas de família para serem refeitas por outras famílias, acreditando que através delas poderemos fazer aflorar sabores, amores e sentimentos, adoçando estes tempos.

Todas as receitas que aqui estão foram marcantes na vida de outras crianças que hoje já estão grandes. Desejamos que o cheirinho e o sabor delas marquem a infância dos pequenos e pequenas que amanhã poderão lembrar dessas delícias. Para isso, preparem-nas afetivamente e as comam juntos e juntas.

7.1 BOLINHOS DA VOVÓ

Por Roberta Tamires Evangelista da Silva, Licencianda em Ciências Biológicas/UFPE

Geralmente em dias frios, dias que estavam com aquela chuvinha boa, “mainha” fazia esses bolinhos. Eu e a minha irmã tínhamos a missão de ajudar a polvilhar. Depois de prontos, a gente se juntava na sala para comer os bolinhos com um café, assistindo os filmes da sessão da tarde. Bons tempos, saudades, inclusive!

É muito fácil fazer os Bolinhos da Vovó:

Ingredientes:

- 3 xícaras de farinha de trigo;
- 2 colheres (sopa) de açúcar;
- uma pitada de sal;
- 1 colher (sopa) de fermento químico em pó;
- 2 colheres (sopa) de manteiga;
- raspas da casca de limão;
- 1 xícara de leite;
- 1 ovo.



Modo de Preparo: em uma tigela grande, junte a farinha, o açúcar, o sal, o fermento, a manteiga e as raspas de limão. Misture bem. Junte o ovo e o leite, aos poucos, mexendo sempre com uma colher de pau. Deixe a massa descansar por 15 minutos. Depois, pegue colheradas da massa e frite em óleo quente. Escorra os bolinhos em papel-toalha e, em seguida, polvilhe-os com açúcar e canela.

7.2 CAFÉ CREMOSO

Por Raab Albuquerque, Coordenadora Administrativa do CE/UFPE



Nenhuma comida chama minha atenção ao lembrar dos encontros de família, porém, muito vívido na minha memória é que de nenhuma maneira minha família se reuniria (até hoje) sem uma dose muito grande de café para compartilhar. Então, segue uma receitinha que me faz recordar desses momentos.

Creme de café

Ingredientes

- 1 pacotinho de café solúvel (50g);
- 2 xícaras de açúcar;
- 1 xícara de água fervente;
- leite (para servir).



Fonte: Cybercook (2020).

Modo de Preparo: na batedeira, coloque o café, o açúcar e misture bem. Em seguida, adicione a água quente. Bata tudo por cerca de 10 minutos ou até que fique bem volumoso e liso. Na hora de servir, basta colocar 2 colheres (sopa) numa xícara, adicionar o leite e misturar. Pode servir com leite quente ou gelado com cubos de gelo.

Café cremoso



Fonte: Albuquerque (2020).

7.3 CANJICA DE MILHO

Por Joanna Soares, Estudante de Pedagogia/UFPE

Essa receita tem uma história bem legal e marcante. Quando chegava na época do período junino, a minha avó, que tinha uma quadrilha junina infantil, na véspera de São João, sempre acordava bem cedinho para fazer um caldeirão de canjica. Ela contava com o auxílio de outra pessoa, para ralar o milho e nas outras tarefas referentes à preparação da canjica. Quando chegava a noite da véspera de São João ou mesmo do dia do santo, cada filho de minha vó pegava o seu prato de canjica para degustar. E minha vó também distribuía, para cada componente da quadrilha, um pratinho de canjica. Era a época do ano que a minha avó gostava e curti bastante cada minuto e segundo. Sempre montava sua fogueira nas vésperas dos santos juninos, arrumava seu palhoção com muitas bandeiras e balões e fazia o churrasco tradicional em família no dia do São João. Essa foi uma época muito boa e maravilhosa. Saudades imensas.

Ingredientes:

- 12 espigas maduras de milho;
- 1 litro de leite;
- 250g de açúcar;
- 600g de creme de leite;
- 200g de leite condensado;
- 2 colheres de sopa de margarina ou manteiga;
- Sal a gosto.



Modo de preparo: primeiro, separe os grãos da espiga, cortando com uma faca. Depois, bata no liquidificador o milho com o leite. Em seguida, passe a mistura pela peneira. Pegue a mistura já coada e leve à panela, acrescentando os demais ingredientes. Mexa sem parar, em fogo brando, de 20 a 30 minutos.

7.4 CARTOLA

Por Maria Eduarda Barbosa da Silva, Estudante de Pedagogia/UFPE

É fácil lembrar de uma receita que resume minha infância: cartola. Ainda me lembro do cheirinho da banana e do queijo fritando na manteiga e a mamãe falando pr'eu guardar os brinquedos porque estava na hora do lanchinho da tarde. Quando me sentava à mesa, ela polvilhava açúcar e canela por cima do queijo para dar aquele toque especial e a gente se divertia muito, comendo, conversando sobre o dia, sobre o que eu tinha aprendido na escola. Lembro-me de um dia muito particular em 2005, tardezinha, estava chovendo e fazia aquele friozinho gostoso. Mamãe e eu estávamos assistindo “Barbie Lago dos Cisnes”, ela teve a ideia de prepararmos uma cartola para acompanhar o nosso momento especial. Então, preparamos a cartola, e enquanto comíamos, a chuva caia lá fora, o paraíso lindo do filme nos embalava e o cheirinho que pairava pela casa era de afeto. Que saudade! Experimente do lado daí a receita, é bem fácil, fica uma delícia e ainda traz uma sensação de amor quentinho para o coração. Você vai precisar de:

Ingredientes

- 3 bananas maduras cortadas ao meio;
- 4 fatias de queijo coalho;
- 1 colher de manteiga ou margarina;
- Açúcar e canela a gosto.



Modo de preparo: em uma frigideira, coloque a manteiga ou a margarina e deixe derreter em fogo baixo. Em seguida, coloque as bananas fatiadas para fritar. Quando estiverem douradinhas, coloque as fatias do queijo por cima, tampe a panela e espere derreter um pouquinho. Está pronta! Coloque em um prato bem especial, jogue um pouco de açúcar e canela por cima e aproveite bastante o momento. Lembre-se de guardar na memória o cheirinho bom que vai ficar pela casa. Receita de infância é sempre uma delícia, né? Faz a gente viajar para um mundo mágico, onde tudo era possível. E o meu tinha cheirinho doce da cartola que mamãe preparava.

7.5 MUNGUZÁ DO SR. ARTUR

Por Catarina Carneiro Gonçalves, Professora do CE/UFPE e suas irmãs Carol e Cynthia

Quando lembramos de nossa infância nos recordamos, muitas vezes, de nosso pai na cozinha fazendo, todo dia, papa para que a gente comesse antes da escola. Além dessa delícia, há uma lembrança que nos marca profundamente, que tem a doçura que nosso pai tinha e a alegria dos finais de semana: seu munguzá.

Perdoem-nos os(as) outros(as) cozinheiros(as), mas Sr. Artur era o rei dessa iguaria e achamos pouco provável que alguém produza um mais saboroso que o dele. Buscando resgatar o cheirinho que sentíamos, a doçura que comíamos e a alegria de poder partilhar algo gostoso em família, compartilhamos esta receita tradicional dos Gonçalves, na esperança de que ela adoce estes dias tão difíceis.

Ingredientes:

- 1 pacote de milho para mungunzá;
- 2 paus de canela;
- 1 colher chá de sal;
- água suficiente para cobrir o milho;
- 1 lata de leite condensado;
- 500 ml de leite de coco;
- ½ xícara de açúcar.



Modo de Preparo: junte o milho, a canela o sal e a água e leve ao fogo na panela de pressão.

Depois que pegar a pressão, cozinhe por mais 30 minutos. Após o cozimento dos primeiros ingredientes, acrescente o leite condensado, o leite de coco e o açúcar e deixe cozinhar em fogo baixo por mais 20 minutos, mexendo sempre para não grudar no fundo da panela.

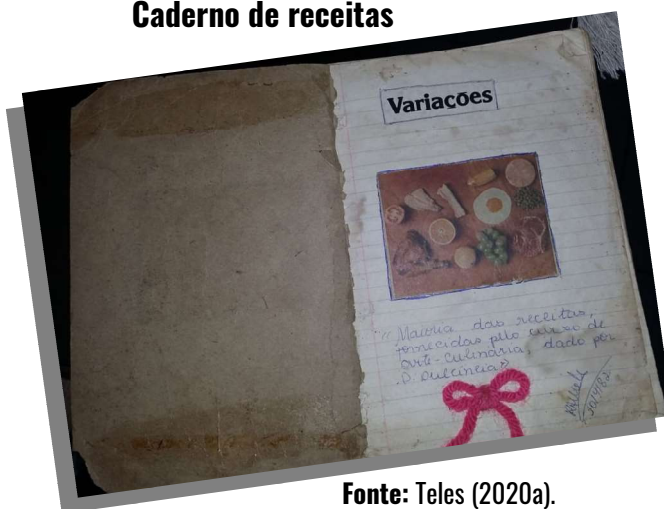


7.6 PASTEL DE QUEIJO

Por Rosinalda Teles, Professora do CE/UFPE

Em 1982, quando eu tinha cerca de 13 anos, minha mãe me matriculou num curso de “Arte Culinária”, ministrado por uma senhora chamada Dona Dulcineia, proprietária da padaria da minha cidade e que tinha fama de cozinhar bem. O curso era financiado por algum programa do governo, pois era gratuito. Evidentemente não sei que programa era esse, pois naquele tempo esses detalhes não eram importantes para mim. Eu era a aluna mais nova da turma, a que mais perguntava e anotava tudo. Todo final de semana eu testava uma das receitas aprendidas. Outro dia, no meio de uma conversa, minha mãe disse que aprendeu a cozinhar comigo. Às vezes eu fico conjecturando por qual motivo ela me colocou naquele curso, por que ela mesma não o fez? Hoje entendo: ela não tinha tempo, pois trabalhava como costureira para ajudar nas despesas da família, tinha filhos pequenos e também não tinha muita habilidade com a leitura e a escrita. As

Caderno de receitas



Fonte: Teles (2020a).

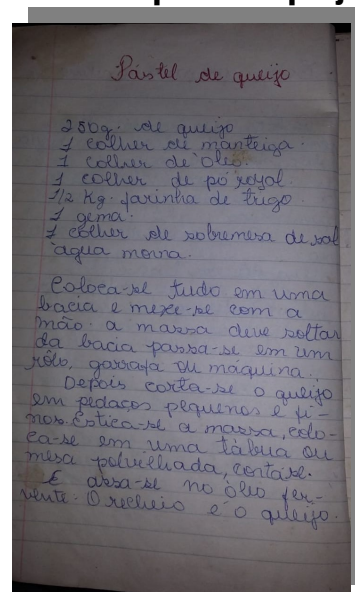
receitas de Dona Dulcineia eram bem simples, escritas por nós mesmas numa linguagem bem coloquial (ler os cadernos hoje me faz rir: guisar a “titela” do frango, é uma das pérolas). Hoje reflito que as receitas eram ensinadas de “cabeça” por Dona Dulcineia e quem quisesse anotava, eu anotava sempre e perguntava coisas sempre (risos). Uma das receitas que fazia muito sucesso e ainda hoje faz na minha família é o famoso “Pastel de queijo”. A receita é muito simples. Já fiz tantas vezes que hoje sigo apenas a quantidade de ingredientes da massa – pastel dos 7 ingredientes. Era um dos lanches prediletos do meu irmão mais novo: “Rosa, faz aquele pastelzinho!”. Era um pedido constante. Todas as festinhas de aniversário tinham sempre o pastelzinho de Rosa. Com o passar do tempo os

recheios foram variando e descobrimos que a massinha do pastel vai bem com tudo. Já ensinei a várias pessoas, que a transformaram até em massa para pizza. Já fiz com meus filhos, com as minhas sobrinhas pequenas, com direito a avental, chapéu de cozinheiro, fotos, cortadores divertidos para a massa. Sempre é uma festa preparar a massa, cortá-la e rechear os pastéis. A parte de assar no óleo fica por conta dos adultos. Segue a receita, do jeitinho que encontrei escrita no meu caderno de folhas amareladas e sujas com resquícios das receitas realizadas seguindo as instruções de Dona Dulcineia.

Ingredientes:

- 250 g de queijo (qualquer tipo);
- 1 colher de manteiga (pode ser margarina mesmo);
- 1 colher de óleo;
- 1 colher de “pó royal” (sim, é fermento, mas Dona Dulcineia chamava pela marca);
- ½ kg de farinha de trigo;
- 1 gema (de ovo, claro!);
- 1 colher de sobremesa rasa de sal;
- Água morna (não incluo a água na lista dos meus 7 ingredientes).

Receita de pastel de queijo



Fonte: Teles (2020c).

Modo de Preparo (do jeitinho que foi escrito no meu caderno em 1982): coloca-se tudo em uma bacia e mexe-se com a mão. A massa deve soltar da bacia, passa-se em um rolo, garrafa ou máquina. Depois corta-se o queijo em pedaços pequenos e finos. Estica-se a massa, coloca-se em uma tábua ou mesa polvilhada, corta-se. E assa-se no óleo fervente. O recheio é o queijo!

Pasteis

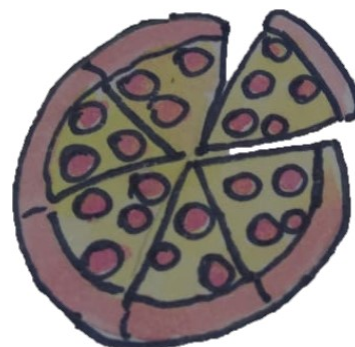


Fonte: Teles (2020b).

7.7 PIZZA MALUCA

Por Maria da Conceição Silva Lima, Professora do CE/UFPE

Fui criada como filha única e nos finais de semana ia brincar na casa da minha tia no Cordeiro com minha prima, também filha única. As melhores lembranças gastronômicas são dessa época. Só existiam a Pizza Hut (caríssima) e a Atlântico (em Olinda), e não tínhamos dinheiro. A minha tia com duas crianças em casa, inventava receitas e essa era a nossa preferida. O recheio era sempre de queijo, presunto e tomate, mas pode colocar o que desejar.



Ingredientes:

- 1 xícara de leite;
- 1 ovo;
- pitada de sal;
- 1 colher de chá de açúcar;
- 1 colher generosa de manteiga;
- 1 xícara de farinha de trigo;
- 1 pitada de fermento em pó.

Modo de Preparo: Coloque os ingredientes no liquidificador e bata até ficar homogêneo.

Depois, despeje em uma forma de pizza untada com manteiga e trigo. A gente colocava na frigideira, porque não tinha forma de pizza. Recheia com o que tiver na geladeira e leva ao forno, 200 graus por 20 minutos.

7.8 ROSBIFE DE DONA LINDALVA

Por José Batista Neto, Professor do CE/UFPE



LEMBRANÇAS DE UM PRATO

Não imaginava que as lembranças de um prato poderiam ser tão saborosas. Lembranças que trazem de volta cheiros, gosto e a estética que nele reside. De arrasto vêm os lugares de memória, tempos espaços do vivido e significado.

Refiro-me aqui ao termo “prato” não no sentido estrito, de um componente da louça de cada casa. Prato aqui é um arranjo alimentar composto por ingredientes a serem combinados em sequência e quantidades ponderadas. Que comporta criatividade e

subjetividades. A receita de um prato implica um modo peculiar de prepará-lo. Vou trazer aqui uma sugestão de receita à moda de dona Lindalva, minha mãe, uma exímia cozinheira de pratos simples e do dia-a-dia. *Chef* da cozinha caseira, função que desempenhou por mais de cinquenta anos.

Minha mãe sempre foi “do lar”, maneira de se referir às mulheres que não se profissionalizaram. Pilotava uma casa com oito crianças e adolescentes para quem lavava, passava, cozinhava e limpava. A cozinha era o espaço em que mais se demorava e mais consumia seu tempo. Aprendeu a cozinhar empiricamente, em tentativas de ensaio e erro. Era muito crítica do que preparava. Por isso, não deixava de dizer: havia dia em que não gostava do que cozinhava. Os anos à beira do fogão a fizeram perceber que cozinhar demanda uma boa dose de criatividade, uma margem de flexibilidade, de observação e de experimentação. Há caminhos e há atalhos na cozinha. E, para se dar ao desfrute dos acepipes, vai necessitar arriscar, ousar, sair da mesmice. Cozinhar é criar, ainda que se tenha um roteiro básico, a receita. O que vou entregar aqui é esse roteiro básico, a receita de um rosbife.

Durante muitos anos, dona Lindalva nos fez saborear um dos seus pratos mais deliciosos para o almoço dominical em família. Hoje, aos 92 anos, ela me confiou a receita que guarda em um velho caderno de receitas, todo escrito à mão. Assim são as mães!

Não hesitou em dizer que o êxito no prato se inicia com a escolha da carne. Por isso, disse-me de forma enfática: “rosbife só era feito quando seu pai ia ao mercado público de Camaragibe ou de São Lourenço da Mata e trazia carne de lá. Carne resfriada e de qualidade”. Não vi saudosismo nessas palavras, mas indicação de critérios de qualidade que foram, de toda evidência, alterados. De todo modo, aquele(a) que queira, hoje, preparar um rosbife terá que recorrer a um distribuidor (mercado, supermercado, hipermercado) e adquirir o produto possível. Portanto, arregace as mangas, reserve um bom tempo do dia e dê asas à criatividade (conforme-se, porque esta não está à venda em lugar algum). Bom apetite!

Ingredientes:

- 1 kg de chã de dentro (coxão mole) ou de alcatra;
- cominho;
- pimenta em pó;
- sal;
- vinagre;
- alho;
- extrato de tomate;
- coentro;
- cebolinho;
- tomate.

Modo de Preparo: limpe a peça de carne, retirar todo e qualquer pedaço de gordura que ela contenha. Em seguida, perfure-a com um garfo ou faca pontiaguda. Tempere-a com cominho (pouco), pimenta em pó, alho ralado, sal a gosto. Coloque a peça de carne em uma caçarola e molhe-a com

vinagre. Continue perfurando a carne para que os temperos penetrem em sua fibra. Após temperá-la, deixe-a em repouso por uns 45 a 50 min. Uma hora antes de servir, inicie a preparação de um molho, cortando um pouco de coentro, cebolinho e tomates em pedaços miúdos. Tenha à mão extrato de tomate em quantidade. Aqueça uma caçarola em fogo brando e coloque óleo, coentro, cebolinho e tomates já cortados, com extrato de tomate (uma xícara). Quando o molho estiver em ponto líquido, coloque a peça de carne já temperada. Continue perfurando a carne com um garfo ou faca e, com a ajuda de uma colher, vá banhando-a, continuamente. Revire a carne para que todas as suas faces cozinhem e vá absorvendo o molho. A carne deve permanecer no fogo por uns 45 minutos.

Importante: não deixe o molho secar. Vá introduzindo novas porções de tomate picado e extrato de tomate em pequenas quantidades. Não coloque água.

O prato pode ser servido com batatas coradas e arroz branco.

7.9 SOPA DE FEIJÃO DA VOVÓ TEREZINHA

Por Leonardo, Letícia e Lucas, sobrinhos de Viviane de Bona, professora do CE/UFPE

A vovó Terezinha faz a melhor sopa de feijão do mundo! Desde criança, sempre que vamos a Lages, em Santa Catarina, ela faz uma sopinha maravilhosa. Uma vez, depois de horas de viagem, todos(as) nós estávamos com frio e então, quando chegamos à casa



da vovó, lá estava a sopa quentinha nos esperando! Não importa o tempo que vamos ficar na casa do vovô e da vovó, sempre tem sopa de feijão. Vamos mais ou menos 2 vezes no ano ao sul fazer uma visita e desde crianças uma das nossas principais vontades é tomar a sopa de feijão da vovó, que sempre saboreamos com muito prazer, pois igual a vovó ninguém faz!!!

Ingredientes:

- um pacote de macarrão parafuso;
- cebola de cabeça;
- feijão cozido (300 gr.);
- cheiro Verde;
- alho;
- água.

Modo de Preparo: bata o feijão com caldo no liquidificador, refogue a cebola e o alho. Deixe ferver, então, coloque o macarrão e o cheiro verde e espere até o macarrão cozinhar; acrescentando água de forma que o macarrão fique na consistência de uma sopa encorpada.

7.10 TORTA DE BANANA

Por Ellen Damonys Pereira da Silva, Estudante de Pedagogia/UFPE



Aos 7 anos saí do interior com minha família e viemos morar na capital com minha avó. Minha mãe nunca foi muito de cozinhar,

então a *chef* de cozinha da casa é minha avó. O engraçado é que ela não come várias das próprias comidas que prepara, mas faz com muito carinho porque todo mundo ama seus sabores e temperos! Uma das sobremesas mais pedidas e preparada é a Torta de banana que ela faz quando sobra aquelas bananas que já estão muito maduras. A receita é super prática, fácil e rápida.

Ingredientes:

Para a massa:

- 1 xícara (chá) de trigo;
- 1 xícara (chá) de açúcar;
- 1 colher (chá) de canela (opcional);
- 1 colher (sopa) fermento em pó.

Para o recheio:

- 8 bananas maduras (cortadas em fatias ao comprido).

Para a cobertura:

- 2 ovos;
- 1 xícara (chá) de leite;
- 2 colheres (sopa) de açúcar;
- $\frac{1}{4}$ xícara (chá) margarina derretida.

Modo de Preparo: em um recipiente, misturar todos os ingredientes da massa e colocar um pouco no fundo de uma forma untada apenas com margarina. Após uma camada da massa, colocar uma camada das bananas fatiadas. Repita esse procedimento até acabarem esses ingredientes (uma camada de massa + uma camada de bananas) e encerre com uma camada de massa.

Para finalizar, bata no liquidificador todos os ingredientes da cobertura e coloque por cima das camadas. Leve para assar no forno pré-aquecido a 200° até dourar.

Quando sentimos o cheirinho de banana pela casa, já sabemos que teremos uma ótima sobremesa para o fim de semana. Uma lembrança maravilhosa sobre esta receita é que eu levava no lanche da escola e uma professora se apaixonou pela torta. Então, todo 24 de abril eu pedia que minha vó fizesse a torta de banana para presenteá-la em seu aniversário, uma professora tão querida e admirável para mim.



7.11 TOUCINHO DO CÉU

Por Viviane de Bona, professora do CE/UFPE e sua Irmã Katia

Você já comeu algum doce que parece um pedacinho do céu? Pois nós comemos desde a infância. Nossa mãe Terezinha costumava fazer “mistura” no fim de semana para acompanhar a hora do café da tarde (é assim que ela chama os bolos). Então, o preferido da família era/é o Toucinho do Céu! Sem dúvidas ainda é o preferido de nosso pai Vilmar até hoje! Mas, só agora, escrevendo esse texto, foi que percebemos que repetíamos o nome dessa “mistura” sem ter noção do porquê de o tal do doce apresentar a palavra Toucinho; só nos apegávamos à designação ‘Céu’ já que realmente o sabor e sua cremosidade nos leva ao céu! Fomos então atrás de sua origem, além de resgatar a receita no caderno de uma de nós duas. A partir de uma rápida busca na internet, descobrimos que esse é um dos mais célebres doces tradicionais de Portugal, originado na doçaria conventual. O nome deve-se ao fato de a receita original levar banha de porco nos ingredientes e, acredita-se que, sendo um doce criado nos conventos, intitulou-se de Toucinho do Céu. Concluímos que essa ‘mistura’ parece resgatar a parte portuguesa de nossa família do lado materno, apesar de não carregarmos Oliveira em nosso sobrenome... Compartilhamos aqui essa bela lembrança que possui o sabor na nossa infância.



Ingredientes

- 1 litro de leite;
- 2 xícaras de trigo;
- 3 xícaras de açúcar;

- 1 colher de margarina (sugere-se que seja derretida);
- 100g de coco ralado;
- 3 ovos.

Modo de Preparo: bata todos os ingredientes no liquidificador, coloque em uma forma untada e asse no forno por aproximadamente 1 hora. Se preferir, você pode reservar um pouco do coco e colocar sobre a massa na hora de assar.



8 E AS BRINCADEIRAS COM AS RECEITAS?

Nesta seção acreditamos que a melhor forma de brincadeira é a experiência da vida real em família. Brincar de fazer a comida juntos, de sentir o cheirinho dela ficando pronta, de tocar em diferentes texturas de alimentos que foram utilizados na preparação. Brincar de colocar a mesa, de sentar-se juntos(as) para tomar um café, de conversar enquanto se alimentam... de fazer memórias.

Acreditamos que são as brincadeiras deste momento, enquanto as crianças são pequenas, que ficarão nas suas memórias afetivas, sendo resgatadas quando forem crianças grandes.

9 ALGUNS DEPOIMENTOS

“Fico grato pela oportunidade de revisitar lembranças da infância e acessar um turbilhão de cheiros e gostos adormecidos”.

José Batista Neto

“Que projeto incrível! Foi uma delícia escrever sobre minha receita favorita. Muito feliz em ter participado”.

Maria Eduarda Silva

“Muito bom poder contribuir com a construção desse belíssimo trabalho”.

Raab Albuquerque

“Para além de um pastel de massa caseira, fininha e crocante, descrever essa receita me transportou de volta à cidade de Brejão, onde nasci, muito distante de tudo isso que vivo agora como docente universitária. Lembrar das relações familiares, eu e meus 3 irmãos, crianças e adolescentes, sem essas preocupações que gente grande tem. Era só brincar de pular corda, de bilú (pega-pega), de queimado, passear na zona rural, chupar fruta no pé. E, claro, ajudar minha mãe nas tarefas domésticas.

Também foi interessante, utilizar os saberes que construí ao longo desses 38 anos para analisar a prática de ensino de Dona Dulcineia; analisar minha produção textual e compreender as escolhas da minha mãe. Enfim, essa receita é uma memória afetiva que guardarei com muito carinho”.

Rosinalda Teles

**Agradecemos a todas as pessoas que compartilharam conosco
suas memórias afetivas e lembranças de suas infâncias!**

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Raab. **Café cremoso**. Recife: [s.n], 2020. 1 imagem digital, formato jpeg.

BARBOSA, Maria Lúcia. [**Memórias afetivas**]. Recife: [s.n], 2020.

CINCO Marias. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (4min 3s). Publicado pelo canal Maracajá. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tn5kdS1RbQU&ab_channel=CanalMaracaj%C3%A1. Acesso em: 19 maio 2020.

CYBERCOOK. **Creme de café**. 1 imagem digital. Disponível em: <https://img.cybercook.com.br/receitas/918/creme-de-cafe-623x350.jpeg>. Acesso em: 22 maio 2020.

DE VRIES, Rheta; ZAN, Betty. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

EM cima do piano. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Mapa do brincar. Disponível em: <http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/formulas-de-escolha/321-em-cima-do-piano>. Acesso em: 20 de maio 2020.

GONÇALVES, Catarina Carneiro. [**Memórias afetivas**]. Recife: [s.n], 2020.

KIKUTI, Débora. **A menina e figueira**. Disponível em: <http://discontosdefadas.blogspot.com/2009/05/menina-e-figueira.html>. Acesso em: 02 junho 2020.

LEITÃO, Mércia Maria; DUARTE, Neide. **Folclorices de brincar**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

MEDINA, Vilma. **Passa anel: brincadeiras de criança: brincadeiras infantis que promovem a atenção e a socialização**. Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/materias/cultura-e-lazer/jogos/passa-anel-brincadeiras-de-crianca/>. Acesso em: 22 maio 2020.

MURRAY, Roseana. **Casas**. Belo Horizonte: Editora Formato, 1994.

NUNES, Rodrigo. **Como jogar: stop – adedonha!** Disponível em: <https://www.bananaquantica.com.br/como-jogar-stop-adedonha/>. Acesso em: 22 maio 2020.

O MESTRE mandou. Disponível em: <https://delas.ig.com.br/filhos/brincadeiras/o-mestre-mandou/4e3d7bfa5cf358183f00000c.html>. Acesso em: 19 maio 2020.

PAES, José. **Poemas para brincar**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

PESSOA, Fernando. **Obra poética de Fernando Pessoa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.

PRIETO, Heloisa. **O jogo da parlenda**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

TELES, Rosinalda. **Caderno de Receitas**. Recife: [s.n], 2020a. 1 imagem digital, formato jpeg.

TELES, Rosinalda. **Pasteis**. Recife: [s.n], 2020b. 1 imagem digital, formato jpeg.

TELES, Rosinalda. **Receita de pastel de queijo**. Recife: [s.n], 2020c. 1 imagem digital, formato jpeg.

TORTORA, Evandro. **Atividade**: brincadeiras e contagem com uma parlenda. Disponível em: https://novaescola.org.br/plano-de-aula/2850/brincadeiras-e-contagem-com-uma-parlenda#=_. Acesso em: 20 maio 2020.

VASCONCELOS, Gabrielle. **Vamos brincar de cabaninha**. Disponível em: <https://maternarebrincar.wordpress.com/2014/08/28/cabaninha/>. Acesso em: 22 maio 2020.

VINHA, Telma. O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista. **Revista do Cogeime**, n. 14, p.15-38, jul. 1999.

CATALOGANDO IDEIAS

Volume 2

#FICA
A DICA
DO CE



APOIO



PROPG

PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO



PROExC

PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO E CULTURA

